

O matriarcado em pernambuco: voz e gestos insurgentes em Tereza Lins de Siqueira

Ricardo Japiassu

É preciso revelar que, por mais de 16 anos, guardei escondido de mim mesmo, no fundo do baú de vime, algo muito além dos fragmentos do que me chegou da biografia de Teresa Lins de Siqueira — escrita em máquina datilográfica, em pasta pintada a pastel pela artista plástica luso-brasileira Taciana Melo — desta matriarca do Sertão de Pernambuco. Escondia, sim, mais que isso, a nossa sensibilidade estrema e a cumplicidade — de almas — ímpares.

Na ocasião das atividades de pesquisa, ocorridas no primeiro semestre de 1991, escrevi cinco reportagens inéditas sobre mulheres que, pelas atitudes diferenciadas e coragem absoluta ante o seu tempo, tiveram trajetórias marcantes (apesar de não divulgadas, até então) na História, o que provarei, especificamente sobre Teresa Lins de Siqueira (dona Téca, ou Tequinha, na intimidade), neste breve ensaio. Especificamente, observei o fenômeno do matriarcado em Pernambuco na região do polígono das secas, o Sertão, onde destacaram-se: Yayá de Brito, precursora da industrialização do doce no Estado; Joana Chalegre, que se impunha furiosa ante qualquer traição conjugal; a líder política Lindaura Santana e, por fim, a abolicionista Carolina Ferraz.

Ricardo Japiassu. Doutor em Literatura pela USP; jornalista e escritor.

Vale salientar que todas viveram entre a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Dessa forma, delineeí, primeiro, o meu corpus e campo de pesquisa, concomitantemente: tempo e espaço. Vale a pena ressaltar, também, que três destas personagens: Yayá de Brito, Lindaura Santana e Carolina Ferraz, compuseram uma série de reportagens publicada pelo *Jornal do Commercio* do Recife, por mim redigidas, em setembro de 1995, intitulada *Matriarcas Pernambucanas*. Ainda sobre Carolina Ferraz, a Profa. Dra. Luzilá Gonçalves Ferreira, então docente da Universidade Federal de Pernambuco, pinçou informações, que publicou, ilustradas com fotografia, no seu livro *Suaves Amazonas*, em 1999. Por fim, os feitos e mandos de Joana Chalegre foram publicados no meu livro *Conceição da Pedra*, lançado em junho de 2005. Voltando a Dona Téca, ela nasceu na segunda metade do século XIX e viveu até o alvorecer da terceira década do século XX. Essa História permaneceu intocável, até mesmo pela parcimônia dos seus descendentes em relação aos fatos, o que não constituiu má realidade. Amadureci, então, em duas vertentes: profissional e psicologicamente, para melhor entender e desvendar seu legado afetivo à História. Retornaremos a esse assunto, especificamente sobre dona Téca, ainda mais adiante, de forma esmiuçada, sendo esta representante feminina, especialmente, o foco do meu resumo para a revista *Espaço Feminino*.

Antes, porém, de aprofundar-me sobre o tema, gostaria de apresentar alguns problemas existentes na coleta de subsídios para a feitura dos textos. Atesto que, em particular, esta pesquisa não foi fácil. Os parentes que conhecem os fatos que a ela concernem, em muito, negam-se a revelá-los. Por vergonha? Por pudor diante de uma transgressora do seu tempo? Embora, ao pôr as cartas na mesa, eu sempre a apresentasse como precursora e arauto do ativismo feminino. Outro aspecto é a distância da capital, pois as cidades onde residiram as matriarcas, por mim abraçadas, são

bastante distantes, tanto do Recife, onde resido, quanto umas das outras, em suas respectivas localidades. Impossibilitava-se, assim, uma única incursão ao Sertão pernambucano. Foram, portanto, horas de viagem; uma delas, em especial, foi até a cidade de Sertânia, a 316 Km. Do Recife, na região do Sertão do Moxotó pernambucano, onde cheguei em caminhão de carga, sentado por sobre o milho da carroceria, quando encontrei migalhas do legado de dona Téca. Faltaram aqui, entretanto, o batistério e certidões de casamento, visto que a Matriz de Nossa Senhora da Conceição tinha por hábito destruir os seus arquivos.

O segundo aspecto, o também o tempo apagou detalhes das narrativas emocionadas e vivas. Esquecer qualquer detalhe, para uma pesquisa especificamente ancorada na oralidade, consiste em perca indelével. Era urgente era tomar os depoimentos, o mais rapidamente possível: os da memória viva, ou seja, pessoas que, de alguma forma, conviveram com dona Téca, pois que já se encontravam em idade bastante avançada e tinham a mente distante, com dificuldades de demarcar datas e acontecimentos. Por exemplo: como o cemitério de Sertânia foi transplantado de lugar, perderam-se as lápides que indicavam datas de nascimento e falecimento. Dessa forma, os descendentes de Tequinha limitaram-se a revelar que nascera no Dia de Finados. Também não se sabia data do casamento e como o fora. Informações dessa natureza eram tidas como menores por aquela geração. Isso implica, bem melhor expondo a chaga, que, até esta data, muito pouco, melhor dizendo, quase nada, tinha sido escrito sobre a História privada ou mesmo marginalizada do interior de Pernambuco. Nada consta por entre os grandes feitos dos homens, estes, sim, coronéis entronizados e laureados, o comandar feminino.

O último aspecto, certamente o que mais me chocou, retomo a questão, foi a vergonha dos familiares em retratar os feitos dos antepassados, embora estivessem tais informações muitíssimo comprometidas,

indelevelmente, com carga afetiva e emocional, com o meu objeto de estudo: Teresa Lins de Siqueira. De todas as personagens pesquisadas, a História de dona Téca constituiu-se a mais resistente. Pudera: punha ela Sertânia, sob suas estribeiras, de ponta cabeça. No fundo, havia muito amor a esconder, por parte dos seus entes de sangue. Talvez contaminado por tal admiração e força, deixei tanto tempo esta biografia escondida, vindo à ribalta no momento em que assumo meu lugar na minha própria História, quando, sensivelmente, começo a tomar posse de mim mesmo, dos meus bens e dos meus afetos.

Revelo ainda que, ao redigir o texto de abertura do meu *Projeto Experimental em Jornalismo Impresso*, apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Católica de Pernambuco, para a conclusão do curso — habilitação em Jornalismo — acolhi dona Téca como tema de abertura. Lembro claramente que, na ocasião da primeira redação, após a feitura do texto, adormeci e, febril, sonhei com ela me falando.

Quanto aos procedimentos investigativos, informo a minha primeira incursão sobre o assunto *Matriarcas Nordestinas e o imaginário brasileiro*, financiada pelo CNPq, em 1990, que foi minha primeira pesquisa científica, orientada, na época, pela Profa. Dra. Luzilá Gonçalves Ferreira. Afeição-me ao tema, que agora concluo meus trabalhos, no que concerne à voz e a ribalta das matriarcas pernambucanas, em forma de texto para esta última edição, da revista *Espaço Feminino* dedicada à presença da mulher na História.

Obtive o primeiro contato com dona Téca através de um primo, José Etelvino Rafael Lins de Albuquerque, num encontro casual, na cidade de Arcoverde — “a porta do Sertão” — em que, ouvindo as minhas narrativas, falou-me de uma Tequinha, sua bisavó, cujos traços se assemelhavam aos de uma matriarca. Na ocasião, firmei com ele uma visita ao seu pai, seu Arcôncio, então com 87 anos, que fora criado pela avó, dona Téca, haja vista a morte do pai Etelvino Lins de

Albuquerque, ainda jovem, quando tinha o filho tenra idade.

A tarde era quente, como quente é o semi-árido nordestino, Sertão um tanto decadente, melancólico. O vermelho rajava o céu de Sertânia, quando cheguei até ao alpendre onde seu Arcôncio Lins de Albuquerque me aguardava. Negou-se a gravar entrevista. Bonachão, camisa aberta, sentado numa cadeira de balanço, fumava um cigarro de palha — que gentilmente me ofereceu — tentei contemporizar, mas negou-se, terminantemente, a gravar entrevista. Porém, os olhos encheram-se de lágrimas e o depoimento foi marcado por um misto de amor e remorso. Na ocasião, seu Arcôncio já aparentava cansaço físico, aqui, ali, puxava a respiração, ofegante. Tanto tratava a matriarca como “Tequinha” quanto como “mamãe”, o que, a princípio, tornou difícil desvendar o sujeito a quem ele se referia.

Mas os dados revelados foram preciosos para traçar um perfil da voz insurgente e insubordinada de Teresa Lins de Siqueira, provando tese que defendo: a coragem de viver e realizar independe do tempo, pois coragem é algo que trazemos conosco, em nossas entranhas. Casada com o líder político da região, o Coronel Manoel Coelho Lins de Albuquerque Né, era inteiramente desprovida de vaidade, não utilizava tinturas de qualquer espécie ou adornos. O vestido era comprido até a canela, braços cobertos por mangas longas e sandália de couro. Mas tinha uma marca *sui generis*: para onde ia, onde estava, a “macaca” estava sempre do lado, por entre as mãos. “Até para dormir era com a macaca junto à cama,” lembrava seu Arcôncio, falecido há mais de dez anos. Por macaca entende-se um chicote de cabo grosso e pequeno, utilizado para o açoite dos animais.

Franzina e miúda, gostava de deitar-se ao frescor da rede, em sua residência junto à igreja matriz da cidade. Em casa, dava sempre as determinações: cozinhar feijão temperado com queijo de manteiga e carne

de bode cozida à banha de porco. Lavar a casa era outra ordem. Como aquele mundo era ausente de refinamentos, punham-se os móveis menores sobre os maiores e, com bacias de metal, jogava-se água sobre a casa, retirada com vassouras de palha. Ao que lembra seu Arcôncio, eram essas, no que concerne à vida privada, suas únicas determinações.

No entanto, a força da sua personalidade fazia-se sentir, muito mais, na vida social da cidade. Embora à mulher fosse interdito o direito do voto, quanto à atividade política do marido, dona Téca participava ativamente de suas campanhas, acolhendo em casa, com fartura, seus eleitores e protegendo-os das atitudes dos opositores. Quando o Coronel Albuquerque Né, como era conhecido, atendia a pedidos dos opositores, furiosa, voltava-se para o esposo, afrontava-o e bradava: “você não deve atender a estes cachorros. Depois eles dão as costas a você,” revelou seu Arcôncio.

Por sua vez, em qualquer querela política no meio da rua, ou na feira semanal, quando do seu conhecimento concernente ao envolvimento de amigos ou eleitores, tomava a frente e punha, ela mesma, fim à peleja, retirando da contenda aqueles de quem, de alguma forma, dispunha tanto em caráter eleitoral, quanto em amizade.

Tais atitudes, aos poucos, tornaram-na conhecida. Tanto assim que, quando os moradores da pequena Lagoa de Baixo — hoje Sertânia — a viam saindo de casa e dirigindo-se à cadeia, seguiam-na, embora fosse sabido, de antemão, o feito: ordenar, imediatamente, a libertação do preso. “Valei-me dona Téca,” era o pedido que jamais deixou de lograr, revela dona Carmela Lins de Albuquerque, de quem tratarei mais adiante. A justiça, em Sertânia, naquele tempo, era dona Téca.

Esse fato se repetiu — o que causou-lhe enorme problema no decorrer do tempo. Por exemplo, quando o neto Etevlino Lins de Albuquerque — depois interventor no governo de Pernambuco — envolveu-se numa querela e foi recolhido à residência do juiz

da comarca. Ao saber do acontecimento, foi ela própria até o local e ordenou a saída imediata do neto: “não tem o que você estar fazendo aí não,” ria seu Arcôncio. E acrescenta: “o juiz não deu um piu.” Entretanto, esta afronta serviria como caldo grosso para um futuro processo contra ela (em atitude política, ao que consta, manipulada pelos inimigos políticos: a família Lafayette), movido pelo governo Estácio Coimbra, antes dos anos 30 do século passado.

Quanto aos netos, manteve sempre a mesma postura. Ninguém triscava neles. Rapazote, seu Arcôncio interessou-se por uma moça da cidade e “buliu” com ela. O pai, feroz, bateu no moço com uma vara. A atitude despertou a fúria da matriarca, que determinou ao então agressor a entrega de uma carta — pois este era o carteiro da cidade — por entre os distritos da zona rural do município. Na empreitada, levou uma baita duma surra, contam uns. Outros informam que o mesmo foi assassinado. Informações contraditórias. Aí, abriu-se o processo e a perseguição contra dona Téca. Esta refugiou-se, com a neta Carmela Lins de Albuquerque, em fazendas de amigos, tanto no Sertão Pernambucano, quanto da Paraíba.

Emocionado, a última vez que viu “mamãe” — assim o disse seu Arcôncio — foi na entrada da cidade, no sentido de quem chega da Paraíba. Estendida sobre uma rede, puxada por dois homens, o ventre inchado tomado por um câncer fulminante, escoltada por guarnição. Foi julgada em Sertânia e absolvida. Poucos dias depois faleceu. Morria, então, Teresa Lins de Siqueira, livre — como aqueles tantos que libertara da prisão — porém envolta no silêncio de uma grande querela que escandalizou Pernambuco e cujos fatos reais não foram devidamente elucidados. Sua figura, no entanto, permaneceu firme até o fim.

Mas há outro lado da moeda. E quem me revelou a doçura e delicadeza de Teresa Lins de Siqueira foi dona Carmela Lins de Albuquerque — aos 84 anos, já falecida — que visitei no Recife. Ela pouco lembrava

da fisionomia dos pais. A mãe, que chegou a conhecer pouquíssimo, fora trazida, na viuvez, da fazenda Conceição, numa liteira, até a cidade. Ela conta que dona Téca jamais permitiu que saísse de casa sozinha, estando, nestes momentos, sempre acompanhada por uma pessoa da serventia e da confiança dela.

Embora desprovida de vaidade, mandava confeccionar vestidos novos para a neta utilizar nos dias de festa, com as sombrinhas recobertas pelo mesmo tecido da vestimenta. Nunca era permitido à neta que deixasse a casa sem o dinheiro suficiente, nos dias de festa ou feira, para os parques ou a compra de guloseimas. No período em que a avó esteve refugiada em casa de amigos — “e não colocava a cabeça na porta. Ninguém poderia vê-la” — dona Carmela acompanhou-a, sem deixá-la um só minuto. Sentiu-se órfã após a sua morte, poucos meses após o desfecho do processo, quando decidiu, dona Carmela, casar e tomar posse da sua fazenda Cacimbinha. Conta que sonhou com dona Téca aconselhando o matrimônio, no que logrou felicidade.

Outra lembrança de dona Carmela foi o dia do casamento do tio Napoleão de Siqueira, na fazenda Conceição. Após todos estarem prontos, dona Téca ordenou a vinda de dois cavalos com cilhão, ao que as mulheres montaram e seguiram viagem. Dona Téca, amazona, não esperou a escolta do marido, seguindo antes para os preparativos do enlace. Era uma mulher independente, quando o costume era estar à sombra do cônjuge ou pai.

Porém, pelo afeto que a unia à avó, dona Carmela preferiu não estudar na capital, tornar-se professora, isto para não deixar Teresa Lins de Siqueira sem a sua companhia perene. Então, restaram malogrados os convites do tio Wlysses Lins de Albuquerque e das primas. Por esse motivo, pode-se concluir que a instrução, para dona Téca, não era motivo de liberdade e prevalência, ficava em plano inexistente. A liberdade consistia, portanto, na força do caráter e na sua ex-

pressão em diversas formas, portanto, nas atitudes.

Por fim, para estes dois irmãos (Arcôncio e Carmela) restou a saudade daqueles pirulitos de mel e do pão doce — advindo da cidade paraibana de Umbuzeiro, nos dias de feira — que dona Téca comprava, por dois tostões, para os agradar e regalar com amor, com muito amor. Assim, carinhosa, embalava um sonho infantil. Aqueles sonhos que permanecem, anos a fio, na saudade e me provocaram o mesmo desejo, o de liberdade e justiça, ante a narrativa emocionada dos seus descendentes.